

FLAMA

NESTE NÚMERO

BULGÁRIA-PORTUGAL: A HORA DA VERDADE

N.º 1030 / ANO XXIV / 1 DE DEZEMBRO DE 1967 / 5.00

MADALENA IGLÊSIAS E MESTRE BAPTISTA: NOVO PAR ROMÂNTICO DO CINEMA PORTUGUÊS

EXTRA
fim de semana trágico -
dilúvio lama e morte
10 PAGINAS DE REPORTAGEM





FLAMA

DIRECTOR: ANTONIO DOS REIS

ANO XXIV • N.º 1030 • 1 DE DEZEMBRO DE 1967 • PREÇO 5\$00

SUMÁRIO

ACTUALIDADE

- Telegramas 6
- Em foco (nacional) 6-7
- Vida moderna 59
- Em foco (internacional) ... 62-63-66

REPORTAGEM

- É portuguesa a primeira mulher directora de orquestra 14-15
- Quem é o «dux veteranorum» 24-25
- A corrida de burros da Universidade 40-41
- Madalena Iglésias e Mestre Baptista: novo par romântico do cinema 44-45
- Em 24 horas o lixo do Porto transforma-se em fertilizantes 46-47
- Artistas falam de arte: Cruzeiro Seixas 64-65

INQUÉRITO

- Cidade: inferno em cimento armado 20-23

DESPORTO

- Bulgária-Portugal: a hora da verdade 28-29

CRÓNICAS

- Arte, Música e Cinema 48
- Toiros, Medicina e Livros 50

RUBRICAS

- TV Programas 4-5
- Caras e Casos 6
- Cartas ao Director 12
- Perfil: Montgomery 16
- Mundo jovem 18-19
- Krokòdeilós 42
- Palavras Cruzadas 54
- Discos 56
- Negócios e Publicidade 61

DA MULHER

- Conselhos, beleza, moda, culinária 52-53

CONCURSO

- Resultados do concurso relâmpago «O Santo» 60

BRINDE DE NATAL

- Uma mobília para os leitores ... 8-9

CAPA: MADALENA E M. BAPTISTA



Parte desta edição encontrava-se já impressa quando a região de Lisboa começou a viver a sua mais longa noite desde há muitos anos. Enquanto as nossas equipas de reportagem eram expedidas para os diversos locais onde se desenrolavam os tristes episódios da cheia, os serviços centrais começavam a tomar disposições para refazer por completo um número que, tal como a vida de todos nós, não estava preparado para a tragédia. Tivemos que inserir dez páginas completamente novas, mas, apesar de todos os esforços efectuados nesse sentido, não nos foi possível conseguir que a numeração das páginas viesse a corresponder na encadernação à sua ordem real. Esperamos que o nível do trabalho apresentado justifique este pequeno inconveniente.

EDITOR: ANTONIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHEFE DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA S.A.R. L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-46174/5
 Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L., Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada
 PRECÁRIO (pagamento adiantado): Metrópole e Ilhas — Assinatura anual 220\$00 / Assinatura semestral 110\$00 / Assinatura trimestral 55\$00 / Exemplares avulso 5\$00 / Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual 250\$00 — Assinatura semestral 130\$00 — Exemplares avulso 7\$50 — Outros países — Assinatura anual 330\$00 — Exemplares avulso 9\$00 — POR VIA AÉREA acresce a respectiva sobretaxa, por cada exemplar: Metrópole, Ilhas e Espanha, 1\$60 / Restantes países 14\$00 / Mudança de endereço 1\$00.
 Ultramar 12\$00 / Outros países da Europa 3\$20 — A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração geralmente é pedida pela Direcção.

A NOITE MAIS LONGA: DILÚVIO, LAMA E MORTE

Chovia. Insistentemente. As ruas começavam a transformar-se aos poucos em rios de lama. Nas casas mais modestas, os tectos improvisados já não eram abrigo suficiente. Mas a população de início não se deixou impressionar, dir-se-ia indiferente. «É mais uma cheia» — pensou-se. Mas não tardou que o «passa-palavra» reproduzisse a novidade — havia mortos em Odivelas, na Póvoa de Santo Adrião, Alenquer, Arruda dos Vinhos; uma aldeia perto do Carregado (Quintas) fora riscada do mapa por uma tromba de água.

E as sirenes dos abnegados bombeiros começaram a entoar o «requiem» da desgraça tristemente confirmada. Contra-pondo as primeiras informações, sempre contraditórias, às primeiras horas da noite de domingo o ministro do Inte-

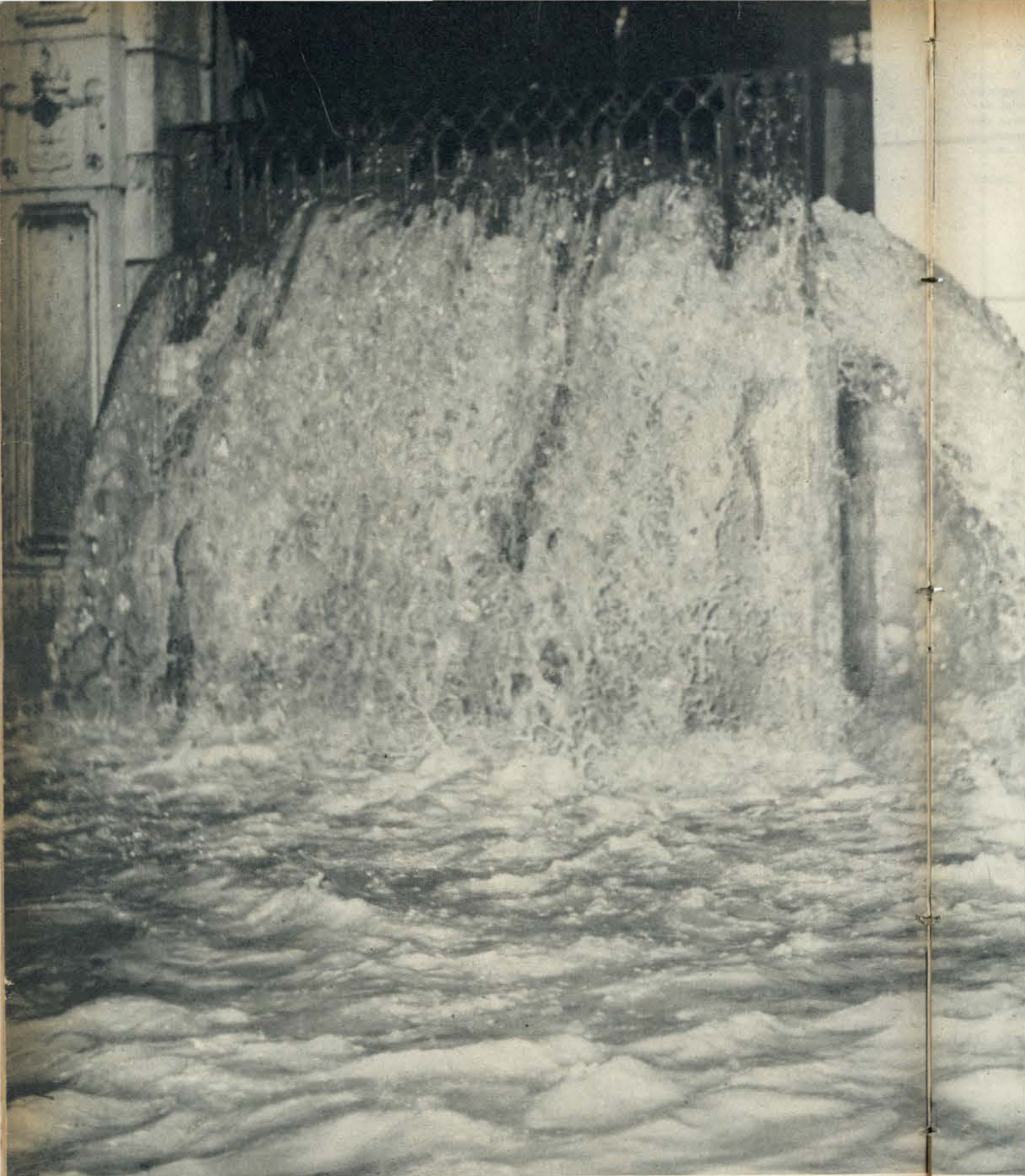
rior reunia os jornalistas e dava-lhes a versão oficial da tragédia: duzentos e cinquenta mortos, alguns feridos, geralmente sem gravidade, muitos desaparecidos em número difícil de estimar. Os concelhos de Loures e Vila Franca de Xira haviam sido os mais atingidos. O governo estava a conjugar todos os seus recursos para assistir aos aflitos e enterrar os mortos.

Os serviços meteorológicos entretanto, forneciam uma explicação técnica: fora uma «depressão» que percorreria o território de Portugal numa faixa de cerca de 150 quilómetros sobre o vale do Tejo, do mar para o interior.

A nação começava a despertar do pesadelo. Esfregava os olhos ainda sem acreditar.

SEGUE





Uma varanda na Estrada de Benfica jorrando água. A artéria lisboeta foi das mais afligidas pela cheia

... e a chuva...
... e a chuva...
... e a chuva...
... e a chuva...
... e a chuva...



A «station» parou e a enxurrada trouxe-lhe, por ironia, um bidão de reserva. EM BAIXO: Para muitos, até que foram conhecidos pormenores do que se ia passando nos arredores, a cheia foi espectáculo colorido.



IMPOSSÍVEL DIZER ONDE ACABAVA O TEJO E COMEÇAVA LISBOA

Lisboa mais abastada seguia para o cinema ou refastelava-se na poltrona caseira, assistindo ao famigerado folhetim «Gente Nova» da RTP, à espera de mais uma aventura do «Santo». A Lisboa menos favorecida estava na café para a «bica», ou ficara no bairro suburbano, julgando que o seu fim-de-semana iria ser igual aos outros. Quando o Roger Moore chegou aos receptores, já os tectos humildes começavam a meter água, as ruas pareciam rios, as praças, lagos, e os cinéfilos, bloqueados nos engarrafamentos de trânsito, haviam esquecido o Eden ou o S. Jorge e pensavam na melhor maneira de voltar a casa. Há doze horas que chovia. Os colectores não davam vazão à enxurrada e, logo que a maré do estuário onde eles despejam as águas que vão correndo pela cidade atingiu a sua altura máxima, já não se sabia onde acabava o Tejo e começava Lisboa.

SE GUE

ESQUECIDAS AS BONECAS DOS DIAS FELIZES

Da tragicomédia, passamos à tragédia. Foi às portas da cidade, em Odivelas, na Póvoa de Santo Adrião, Frielas, em todo o concelho de Loures. Na região de Vila Franca, também, Carregado, Alverca, Alenquer, Arruda dos Vinhos. Homens, mulheres, crianças, muitas crianças — todos mortos. Pontinha, Carcavelos, Paço de Arcos. Muitos casos, um aqui, outro ali. Lares des-

truidos, pelas águas, pela lama, pelas derrocadas. Luto, dor. Carros voltados. As comunicações por estrada e caminho de ferro interrompidas. Lojas arrasadas, negócios falidos. Os sobreviventes de Odivelas deixam os seus lares, onde as bonecas dos dias felizes ficam esquecidas, e metem-se ao que resta da estrada, procurando atingir Lisboa. (FOTO JOAQUIM LOBO).

SEQUE



ODIVELAS: LUTO FORA DE PORTAS

Além dos teres e haveres humildes da casa situada à beira da ribeira, a garota quis salvar o televisor. Na hora do sofrimento, era preciso salvar o sonho



Queluz. Também por aqui passou a fúria do temporal. Esta casa derrubada é uma imagem da impotência do homem perante os elementos. A reconstrução impõe-se.

As águas da ribeira já desceram. São, de novo, o traço de união entre duas metades de uma vila. Os que a morte poupou foram lançar um olhar curioso aos restos da tragédia.



A estrada (Queluz) abateu. No fundo da ravina, o carro é agora um destroço, alvo não já de admiração mas somente de comiseração. E muitos foram os que tiveram fim semelhante na tragédia fora de portas.



Mais uma ambulância. Mais cadáveres para alinhar junto de outros. Todos querem ver os símbolos de uma morte que chegou de improviso para muita gente. Só uma mulher volta às costas, recusando-se à evidência.

Odivelas surge-nos, à primeira vista, como uma vila já habituada ao sofrimento das cheias. «As águas eram um barulho que metia medo...» — narra um homem do campo, de grandes botas de borracha até aos joelhos. A ribeira começara a engrossar à noite, mas era habitual. Nos Silvados, apontam-nos um monte de destroços servindo de dique às águas da ribeira: fora um estabelecimento de vinhos. Agora não é coisa nenhuma. Ao lado de paredes, segurando-se inexplicavelmente, o vazio substituiu casas onde vivia muita gente.

É uma desgraça. Não encontramos explicação para a apatia do povo. Não há lágrimas necessárias, embora inúteis. Chegam ambulâncias. No parque das viaturas dos bombeiros vão-se alinhando despojos humanos. Homens, mulheres e crianças. Cá fora, errando pelas ruas transformadas em traços de lama, um homem procura a mãe, pobre velha de 80 anos. Morava sòzinha, numa casita à beira da ribeira. Onde estará agora? Ninguém sabe responder. Há tanta gente errante, perdida de si mesmo, que ninguém pode responder. A várzea inteira



pode ser um cemitério. As águas começam a descer. Surgem os carros que, ninguém sabe como, foram parar aos campos, deixando as estradas, as ruas e os caminhos. Uma das pesadas viaturas dos soldados da paz foi também na enxurrada: ninguém sabe onde pára. Há dezenas de animais surpreendidos pela morte nas mais estranhas posições. «Estão ali centenas de contos... Fuzileiros navais procuram vivos e mortos, por toda a parte, nos arredores: nos Silvados, na Urmeira (um bairro de casas de «Lusalite» totalmente destruído),

na Aruja, na Póvoa, por todos os caminhos que vão dar ao Olival Basto e, mais adiante, à Ponte de Frielas. Percorrendo os caminhos de lado, procuramos ir também aos locais mais duramente atingidos. Indiferente à tragédia, uma garotinha lava nas águas turvas os seus minúsculos aparelhos de cozinha. Por toda a parte nos surpreende o silêncio. Por isso sa nos apegamos mais à memória o lamento de uma mãe: «Valha-me Nossa Senhora! Tanta roupinha que os meus filhos lá tinham e tudo foi por água abaixo. O meu homem ia morrendo, com

aquela bronquite que o esgana. Passámos horas no telhado, meu senhor, julguei que ia morrer com as crianças! E agora lá estão, para casa de uma senhora que teve a caridade de guardá-los... Outro testemunho: «Ainda não fui à cama. Lá em casa tinham recolhido sete ou oito crianças. Estavam todas a dormir como santinhos...» Em Odivelas, porém, o silêncio continua a ser o maior sinal de luto. Nada há a fazer: não existe resposta para o irresponsável apelo dos corpos alinhados no edifício-sede dos bombeiros voluntários.

QUINTAS: UMA ALDEIA RISCADA DO MAPA



Mais um corpo arrancado aos destroços do que foi uma aldeia. Os bombeiros, cruzando um mar de lama, não tiveram descanso.



Portas abertas, lares esventrados. A tragédia irmana os vivos. Na aldeia das Quintas, toda a gente se conhecia: seriam, quando muito, cento e cinquenta pessoas. Restam quarenta. Uma casa nova, por estrair, e acima do nível das outras, é uma testemunha muda da desgraça. Lá em baixo, no largo que o povo da aldeia dedicou a um benfeitor, um tractor carregado de homens remove a lama que trouxe a morte. Não se sabe ao certo quantos morreram. Os vivos choram os que morreram: «Eu vi a morte dela, e não podia valer-lhe!» Ficamos mudos, perante as lágrimas. «Que grande desgraça! Nunca vi uma coisa assim!» exclama, surdamente, uma mulher. «Eu moro lá em cima, no alto do monte. As duas horas ou coisa parecida, chovia que era um tormento. Mesmo assim, podia ouvir os gritos do homem ali em baixo, no telhado. Corri pelas vinhas abaixo e gritei, gritei, gritei». E foi o grito da mulher que repercutiu pelas aldeias adiante para fazer compreender que as Quintas já eram virtualmente uma aldeia mártir. Onde as portas estão agora abertas, para maior intimidade com a Morte.

Reportagem fotográfica de «FLAMA» e «TELIMPRENSA». As imagens das cheias na cidade foram gentilmente cedidas pelo «DIÁRIO DE NOTÍCIAS».



Este comboio evitou maiores desgraças. Foi em Alhandra. Para os lados de Vila Franca, o Tejo sugeriu a primeira ameaça. Mas, aí, valeu o hábito. Quando as águas subiram já os moradores estavam bem a salvo das águas.



Diante do portal do cemitério de Vila Franca, o povo aguarda. Lá dentro, na casa mortuária, repousam os corpos de muitas das vítimas da tragédia que visitou a aldeia das Quintas.